

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MICHELE MARTEN DE LIMA

**A TRANSCRIÇÃO DAS FRONTEIRAS DO ENSINAR:
O ENSINO DE GEOGRAFIA SOB A ÓTICA DA TRADUÇÃO**

Porto Alegre
2019

MICHELE MARTEN DE LIMA

A Transcrição das Fronteiras do Ensinar:
O Ensino de Geografia sob a ótica da Tradução

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Geografia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada

Orientador: Dr. Nelson Rego (Prof. do Depto. de Geografia, IGEO, UFRGS)

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Lima, Michele Marten de
A Transcrição das Fronteiras do Ensinar: O Ensino
de Geografia sob a ótica da Tradução / Michele Marten
de Lima. -- 2019.
47 f.
Orientador: Nelson Rego.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Professor-Tradutor. 2. Transcrição. 3.
Fronteiras Educação. 4. Projeto Educacional. 5.
Geografia. I. Rego, Nelson, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

*Desde que te amo, o mundo inteiro te pertence.
Por isso, nunca cheguei a dar-te nada. Apenas
devolvi.*

(Couto, Mia; A confissão da Leoa, 2012)

Acreditei que esta seria a parte mais fácil de ser escrita. Como sempre, comecei a redação de baixo para cima (exatamente, a famigerada conclusão é sempre a primeira parte), talvez minha cabeça já não esteja funcionando tão bem, pensar dá trabalho, e quando tentamos entender o que pensamos, dá trabalho em dobro. Digo isto pois sei o quão difícil pode ser entender os outros, (eu, por exemplo, tenho grandes dificuldades em entender a mim), mas minha mãe e meu pai sempre deixaram claro que não era preciso entender alguém, o que eu poderia fazer, em qualquer ocasião, seria respeitar este ou estes alguém(ns).

Como de praxe em agradecimentos, começo por agradecer a eles, meus pais. Meu pai Joel e minha mãe Jane, em igual porcentagem de agradecimento. Sem eles, eu não teria tido a disposição de entender (respeitar sempre foi fácil para mim, graças a eles, então parti para o próximo nível) o que se apresentou a mim durante essa trajetória (vida). À minha irmã Elen, por estar presente e perto, e ao meu irmão Gabriel, por se fazer presente mesmo sem estar perto.

Seguindo a linha sucessória dos agradecimentos, chego aos meus amigos. Em especial ao Neemias, que esteve sempre ao meu lado, nas horas mais divertidas e nas horas mais desgraçadamente cruéis. Ao Guilherme, meu amigo e namorado, que mesmo sem saber como, me ajudou e apoiou sempre que se fez necessário. Ao Chico, o Yoda desta padawan que vos fala, que dividiu a responsabilidade com a Denise e com a Lu, agradeço aos três por me mostrar, cada um à sua forma, como o mundo e as pessoas podem ser entendidos. Alguns amigos que merecem ter seus nomes eternizados aqui, pois no coração já estão: Carol, Léo, Samu, Roger, Karol, Maltinha, Diego, Jana, Genílson, Laisa, Richard, a vocês agradeço pelo carinho e pela lealdade.

Agradeço a Ellen, colega e amiga, pelas conversas e pelo apoio, principalmente nos últimos dias de pré-parto deste trabalho. Sou grata a todos os colegas que, de alguma forma, fizeram (e fazem) o meu dia melhor, seja com

palavras ou com “apenas” sua companhia. Agradeço em especial a Karine, nossa “chefe” sensacional, e também a Bruna por todos os conselhos despretensiosos porém efetivos. E mencionando trabalho, não posso deixar de agradecer ao Roberto, o primeiro chefe-pai da história, por todos os ensinamentos, pelo acolhimento e por, além de tudo, ter me proporcionado uma segunda família.

Por último, mas obviamente não menos importante, o agradecimento aos meus mestres e mestras. Ao meu orientador Nelson, ser humano e Professor ímpar, agradeço pela confiança e pela paciência. À Professora Sandra Corazza, personagem principal deste trabalho, como logo verão, quero agradecer por ter me desacomodado em todas as manhãs de quinta-feira durante o meu quinto semestre. E agradeço também à Professora Adriana Dorfman por fazer diferente, pela acessibilidade (tão cara e rara) e pelo respeito com o qual sempre me tratou e também a todos.

Na verdade, este será o último parágrafo de agradecimento. E os detentores e detentoras de minha gratidão são as pessoas que fazem de uma Instituição como a UFRGS gigantesca. Quando me refiro às pessoas que constroem a UFRGS, não incluo somente o corpo docente, ou ainda os servidores, ou ainda me detenho aos terceirizados, quando digo/escrevo pessoas, eu me refiro a todas que acreditam no trabalho de um educador, a todas as pessoas que lutam, desejam e anseiam por um mundo onde todos possam escolher, a todas as pessoas que ainda acreditam no que disse o poeta: “amanhã vai ser outro dia”.

EPÍGRAFE

As ideias, todos sabemos, não nascem na cabeça das pessoas. Começam num qualquer lado, são fumos soltos, trespairados, rodando à procura de uma devida mente.

(Couto, Mia; Terra Sonâmbula, 1992)

RESUMO

O trabalho que segue tem como objetivo apresentar o projeto Fronteiras Educação como um exemplo de transcrição voltada para alunos a partir do sexto ano do ensino fundamental. A partir da ideia de professor-tradutor-artistador, entende-se que o professor pode assumir o protagonismo do ensino, não só de Geografia, mas de quaisquer áreas de conhecimento trabalhadas, seja no ensino básico ou superior. O ato de traduzir e conseqüentemente transcrever algo permite ao educador, e também ao aluno, o acesso a outras possibilidades de aprendizado. A sala de aula comum, onde se utilizam os livros didáticos, quadro branco (ou verde), classes dispostas em fileiras, há bastante tempo mostra sinais de fracasso e vem pedindo socorro. Os educadores lidam com a falta de prestígio, com a falta de salário e ainda com a falta de interesse. O intuito deste trabalho é mostrar a potência que um professor carrega consigo, é mostrar que existem estudos, mas principalmente iniciativas que comprovam estes estudos. Através da análise do projeto Fronteiras Educação, que existe há dez anos, e também da teoria de que um professor é (deve ser) tradutor, podemos encontrar uma alternativa ao ordinário.

Palavras-chave: professor-tradutor; transcrição; Fronteiras Educação; projeto educacional; geografia

ABSTRACT

This study introduces the project *Fronteiras Educação* as an example of transcreation intended for students who are in the sixth grade or later. From the idea of a translator-performer teacher, it is understood that the teacher can be the protagonist of teaching, not only Geography, but in any other area of knowledge, both in basic and higher education. Translate and consequently transcreate something grants both educator and student the access to other learning possibilities. The usual classroom, with didactic books, whiteboard (or greenboard), classes arranged in rows, have been showing for a long time that it is not suitable anymore and claims for help. Teachers have to deal with no prestige, low income and lack of interest from their students. The goal of this review is to show the power that teachers carry within themselves, to show that there are studies, and mainly that there are initiatives to prove those studies. Through the analysis of *Fronteiras Educação*, which came to existence ten years ago, and also from the notion that a teacher is (and must be) translator, can we find an alternative way to the ordinary.

Key words: translator-teacher; transcreation; *Fronteiras Educação*; Educational Project; geography

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conferência de Edgar Morin no Fronteiras do Pensamento Porto Alegre 2011.	199
Figura 2 – Morin e Bauman no fascículo.	20
Figura 3 – Capa do fascículo.....	221
Figura 4 – Fronteirinhas “Cidades para pessoas”	222
Figura 5 – Mediador na plateia.	233
Figura 6 – Plateia Fronteirinhas Tolerância, Liberdade e Convivência.....	233

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. PARTE 1 – SOBRE OS “FRONTEIRAS”	12
3. PARTE 2 – EXPERENCIANDO A TRADUÇÃO TRANSCRIADORA	24
3.1. ESCOLHAS JUSTIFICADAS – PARTE 2	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE TUDO ISSO.....	37
ANEXO A	40
ANEXO B	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho (ou trabalho-presente) tem o atrevido objetivo de demonstrar a potência pedagógica de um projeto educacional, o Fronteiras Educação. O Fronteiras Educação é um projeto derivado do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, voltado para alunos do ensino básico.

O atrevimento diz respeito à proposta feita por mim (e a mim) de trazer o Fronteiras Educação como exemplo do que um professor-tradutor (e artistador) pode fazer. Mas em primeiro lugar, o quê (ou quem) é um professor-tradutor?

De acordo com Corazza (2016, p. 64) o professor-tradutor “é aquele que possui autoria heterogeneizada e que adota o método da criação. [...] o professor que é tradutor não faz cópia ou dublagem, não trata o original como sagrado, não é escravo ou ladrão de autores, não protagoniza ressurreição, não transmite, não dá aula ou conteúdos, não serve como auxiliar à leitura dos originais. Pelo contrário, o “professor-tradutor-intérprete” é aquele que experimenta, desconstrói o existente, transgride, inventa e rasura a origem.”

Então por que trago o referido projeto como um exemplo? A ideia do Fronteiras Educação é justamente apresentar-se como uma tradução do Fronteiras do Pensamento. E como? A partir dos fascículos que são construídos a partir das temáticas apresentadas pelo Fronteiras do Pensamento. Todos os temas apresentados no FP dizem respeito às nossas sociedades, identidades, e também, territorialidades. Dito isto, é presumível que o debate inclui todo e qualquer ser humano, uma vez que compartilhamos o espaço, uma dada região e/ou também um território.

A pergunta que me fez pensar sobre este trabalho foi a seguinte: qualquer criança ou adolescente já ouviu falar de Kant? Já ouviu falar de Aristóteles? Já ouviu falar de Humboldt? Será que qualquer criança ou adolescente já ouviu falar da Vontade de Potência (1881) de Nietzsche? Posso responder pelo tempo em que ocupei essas instâncias que não, enquanto fui criança ou adolescente nunca ouvi falar de alguém destes mencionados acima, me aproximei de seus conceitos quando cheguei aqui, na UFRGS, e a título de informação (e também argumento), de acordo com uma pesquisa apresentada em 2018 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mais da metade dos brasileiros não possuem o diploma do ensino médio.

Dentre diversos fatores que nos levaram (e os levaram) a esta realidade, a desigualdade de renda é sobressalente. Mas vamos de novo à pergunta do parágrafo acima, por que ela? Por que essa pergunta? Compartilhei a questão com diversas pessoas, muitas delas responderam o mesmo que eu, enquanto algumas me devolveram uma outra pergunta: e o quê interessa às crianças e aos adolescentes saberem quem são e sobre o quê esses caras falaram? Para alguns eu respondi que, na minha percepção, vestindo a carapuça de professor, os “caras” revolucionaram, possivelmente através de um processo de desconstrução/recriação/transcrição, diversas verdades, diversos conceitos, que hoje nós conhecemos, observamos, entendemos (nem sempre). Eu vejo e vivencio o Fronteiras Educação como algo que possibilita a crianças e adolescentes ter acesso a esses e tantos outros “caras”, e também mulheres, que falam sobre as nossas “coisas”, que falam sobre liberdade, sobre respeito, sobre a desigualdade, porque esses “conteúdos” competem a todos, sem exceção, desde o Professor Doutor ao trabalhador que não tem o diploma do ensino médio.

E como o Fronteiras Educação pode fazer isso? Antes de responder a essa pergunta, proponho outra: como um professor-tradutor pode nos ajudar a resolver toda essa encrenca? Uma pergunta levou a outra porque, como vocês já sabem, acredito que um seja fruto de outro. Nós percebemos que o grau de complexidade e também aprofundamento fica restrito quando resumimos algo, porém ao traduzirmos, não necessariamente estamos reféns do original, ao traduzir, incutimos uma leitura crítica, podemos filtrar as informações e fazer com que elas sejam entendidas. Um exemplo: dará no mesmo se apresentarmos a uma criança ou adolescente a obra de Kant discorrendo sobre a estética transcendental ou uma obra que fala sobre as ideias de Kant da coleção Filosofinhos? Acredito que não e, por isso defendo a tradução e a transcrição como ferramentas dos professores, e também o Fronteiras Educação como um fruto disto.

Para além da defesa mencionada acima, estará presente também neste trabalho o sumário que desenvolvi a partir de um processo de tradução e também transcrição. O sumário será utilizado pelo projeto Fronteiras Educação para a elaboração de um fascículo que tratará sobre Direitos Humanos e a questão dos Refugiados.

Existem inúmeras versões de verdades, e no meu entendimento todas passam pelo processo de desconstrução/recriação/transcrição, e por isso é tão difícil e exaustivo entender, porque requer reflexão, porque exige pensar, e agora, a próxima pergunta é: quem está disposto?

Dito tudo isto, a quem leu até aqui, destino o convite de dar sequência à leitura das páginas seguintes. Preciso alertar sobre aquilo que podes encontrar ao seguir lendo, pois o disposto nestas páginas está sujeito a alguns devaneios. Para que fosse possível transferir as ideias para o papel, além de todo o referencial teórico ao qual tive acesso, também me foi cedido pelo Fronteiras o acesso a diversos materiais, incluindo entrevistas realizadas com professoras e alunos de algumas escolas que participaram do Fronteiras Educação em diversas edições. As entrevistas fizeram parte de um relatório destinado ao patrocinador do projeto, no ano de 2013. As entrevistas e o relatório foram construídos por Amália, que à época era a responsável pela comunicação entre as escolas e a organização do projeto.

2. PARTE 1 – SOBRE OS “FRONTEIRAS”

O Fronteiras do Pensamento é um projeto no formato de seminário, onde a cada temporada define-se um grande tema desde o ano de 2007. Costurando este tema, pensadores do mundo todo são trazidos para o Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do sul em Porto Alegre e também para o Teatro Santander em São Paulo, com o intuito de apresentar suas ideias e teorias sobre a temática definida. O projeto tem como público-alvo pessoas, a partir de 16 anos, que tenham interesse em refletir e também discutir sobre questões contemporâneas, como por exemplo, os *Sentidos da Vida*, temática proposta para a temporada 2019. O Fronteiras é plataforma de conteúdos e constante curadoria em busca de criar conhecimento, acessibilidade, comunicação. Os referidos conteúdos dizem respeito a nossas vidas, e são um convite à reflexão, ao debate, à desconstrução e (re)construção de ideias e ideais, possivelmente até dogmas. Sempre percebi o Fronteiras como uma grande oportunidade, pois justamente foi através do Fronteiras que conheci a Filosofia e outras ciências humanas e, já aluna da Geografia, entendi o quanto de Fronteiras existia em cada texto e artigo que eu lia, assim como, o quanto de Geografia continha em cada conferência.

Em 2007 aconteceu a primeira temporada do Fronteiras do Pensamento em Porto Alegre. Desde a primeira edição, o Fronteiras é recebido pela UFRGS, no Salão de Atos. Cada temporada é cuidadosamente pensada pela curadoria de forma que o convite ao “desacomodamento” fique explícito, uma vez que uma das grandes bandeiras do projeto é apresentar não apenas um ponto de vista, uma única verdade ou abordagem, mas sim falar sobre a realidade, que é plural, diversa e discorda o tempo todo. No ano passado, foi feita uma pesquisa com parte do público que consome o projeto para entender como as pessoas que experenciam o Fronteiras de fato o enxergam, e lembro de uma frase dita por uma das entrevistadas que foi “O Fronteiras é um presente”. Analisando o panorama político atual do mundo e, principalmente do Brasil, me faz crer que um espaço como o que é oferecido pelo Fronteiras, de debate, conhecimento, inclusive estranhamento, é fundamental, obviamente sempre deve existir debate e principalmente diálogo, mas agora, no momento atual, é de extrema urgência para justamente tentarmos minimizar os extremos.

Já o Fronteiras Educação é o que podemos chamar de “braço educacional” do Fronteiras do Pensamento, inclusive carinhosamente chamado de Fronteirinhas pelos seus. O Fronteirinhas é um projeto dedicado a alunos a partir do sexto ano do ensino fundamental e historicamente, em sua maioria, de escolas públicas. O projeto acontece desde 2010 e, assim como o Fronteiras, existe graças ao patrocínio de empresas e instituições. Tenho grande carinho e apreço por esse projeto, não só pela ideia e intenção, mas porque ele me aproximou da docência, me fez querer ser professora e ainda por cima, vejam só, me permitiu fazer dele o tema do meu trabalho de conclusão da graduação. Costumo definir o Fronteirinhas como uma tradução do Fronteiras, pois os conteúdos que trabalhados estão voltados para o ensino básico e relacionados ao que experienciamos nas conferências do Fronteiras. Mas, traduzir para crianças e adolescentes, o que isso pode significar? Apenas resumo de um texto inicial e sua adequação a uma linguagem mais simples? Ou transcrição que busca despertar elos entre conceitos abstratos e o vivido, entre o outro lugar e o meu lugar? Os temas apresentados compõem, ou pelo menos deveriam, o currículo obrigatório do ensino básico, dentre eles: sustentabilidade, cidadania, literatura, direitos humanos, ciências e tecnologia, etc.

O formato deste projeto é o seguinte: um fascículo é construído a partir dos conteúdos e teorias discutidas pelos conferencistas presentes em temporadas do Fronteiras e uma grande aula é oferecida, também no Salão de Atos da UFRGS, contando com a presença da Profa. Dra. Joana Bosak, do Instituto de Artes, e de um professor convidado especialista no tema que será apresentado, além de um mediador que permanece em meio aos estudantes todo o tempo para realizar a interlocução entre os professores (palco) e alunos (plateia). O projeto, assim como o Fronteiras do Pensamento, também acontece em São Paulo, no teatro da Unibes Cultural.

Na minha percepção, o fascículo e o “aulão” são a representação de um trabalho de tradução intralinguística (Corazza, 2016), pois um conteúdo, matéria, tema, como quisermos chamar, que em situações regulares, digamos assim, não seria plenamente compreendido por estudantes do ensino básico, em sua maioria, passa a ser acessível, semântica e visualmente. Mas por que afirmo isso? A linguagem e o visual são desconstruídos, (re)construídos e transcritos para este público.

Acontece que, para a Didática da Tradução, todas as línguas são diferenciais. Pela via do trânsito entre o original e sua tradução, requer diálogos entre elas, sob a condição que cada língua aceite tornar-se dupla de si mesma. A tradução é, dessa maneira, um ato político, que desfuncionaliza línguas instrumentais e aproxima distâncias, num processo de transformação cultural. Em seus atos de traduzir, opera como meio, que desestabiliza o próprio status quo da linguagem educacional.

(Corazza, 2013, p. 189).

É sabido que um material frio, distante, denso, não costuma chamar a atenção de crianças e adolescentes (experiência própria na ida e na vinda) e nós, professores (na verdade eu, uma futura professora) sabemos que dentro de uma sala de aula é mister “chamar a atenção”.

Durante todo o tempo em que estive na graduação, diversos questionamentos surgiram, todos, costumo dizer, sem resolução. Se fosse necessário definir o que é uma graduação, eu arriscaria dizer que é uma infinita abertura de parênteses. Cheguei aqui, e acredito que muitas outras pessoas também, acreditando que encontraria soluções, prontas, inclusive, que me apaixonaria louca e instintivamente por alguma das diversas áreas da querida Geografia, me encontraria e seguiria ali o meu sonho universitário acadêmico, mas para a minha surpresa, dei com os burros n'água. A cada nova disciplina, um novo amor (ou seria paixão?), o preconceito com a FAGED (me deixei levar por comentários de colegas, confesso) foi desaparecendo, e fui me encontrando e desencontrando, indo e vindo, aceitando e negando, uma professora de Geografia. A ideia de educar em Geografia tornou-se atraente ao encontrar o conceito que trago neste trabalho, onde o professor é tradutor:

O fazer e o pensar educacionais não significam nada, previamente, mas consistem na potencialidade tradutória do que seja curricularizar e didatizar; por meio da qual adquirem uma natureza construída de crítica e de criação. Porém, crítica e criação do quê? Crítica do funcionamento perverso do mundo e das existências; do tipo e estilo de trabalho, que faz sofrer e humilha; das fachadas identitárias, que domesticam os desejos; do dogmatismo do pensamento em Educação; da ortodoxia universitária e escolar; da moral hegemônica dos afectos; da repetição dos comentários, em busca da fidelidade ao verdadeiro sentido de textos e autores; da erudição e das teorias não reavaliadas. (Corazza, 2016, p. 1321).

É interessante fazer o seguinte questionamento: por que as pessoas ainda querem dar aula? Por que ser professor? Uma profissão com tantos reveses, desprestígio, muitas vezes o professor não consegue fazer o seu

trabalho, pois no local onde leciona, não oferecem as devidas condições para o exercício de sua atividade. Então por quê? Não pode ser apenas teimosia.

Acalme-se, ansioso leitor. Discutiremos adiante esta e outras questões. Vamos, agora, voltar ao Fronteirinhas.

Além dos eventos no Salão de Atos, também existia um contato maior com as escolas. A Amália, que hoje já não trabalha conosco, visitava algumas escolas com o intuito de falar sobre os temas que seriam apresentados, era uma espécie de introdução ao assunto, para os alunos e também para os professores. Essa prática se deu de 2011 a 2013, pois os recursos foram, infelizmente, diminuindo como até hoje. Com relação a essa parte, tive acesso a alguns materiais bastante interessantes, pois são relatos de professores e também de alunos que participaram do Fronteirinhas. Segue o trecho de uma entrevista realizada com a professora de Filosofia de uma escola municipal, onde a pergunta foi: *A partir dos encontros a escola motivou-se a colocar em prática algum projeto?*

Com as turmas de C20 fomos mais a fundo nos movimentos sociais e resgatamos a postura rebelde dos estudantes de maio de 68, articulando em artes com o Graffiti e criando camisetas e cartazes que colocassem lado a lado as reivindicações daquele grupo e as dos jovens atuais. A partir daí refletimos sobre a situação política hoje na Europa, Oriente Médio e EUA e realizamos painéis e cartazes muito interessantes. O envolvimento dos /as estudantes foi bem intenso e o processo muito rico. Em C10 aproveitamos a questão da bioética para aprofundarmos nossos estudos sobre moral. Assistimos GATTACA e refletimos sobre a própria natureza humana e os limites da Ciência. Os alunos e as alunas tiveram uma participação bem efetiva e recorreram várias vezes ao que tinham visto no Fronteiras.

Ainda sobre os relatos, desta vez em uma escola estadual, a professora comentou sobre a utilização do material referente ao tema “Direitos Humanos”, onde o fascículo foi muito bem aproveitado nas aulas de Geografia. Segue mais um trecho de entrevista, onde foi pedido que a professora falasse sobre sua percepção do evento:

A estrutura é espetacular. É de arrepiar ver aquele Salão de Atos cheio de jovens da periferia, participando com entusiasmo dos temas apresentados. Nesse sentido a animação do mediador é, literalmente, show e ele segura muito bem a onda, que está mais para um tsunami... A inserção de vídeos, músicas e clipes também é uma grande sacada, assim como o material distribuído e o que está disponível na internet: EXCELENTES, tanto do ponto de vista gráfico, da linguagem e do conteúdo.

O transporte gratuito é um ponto importantíssimo e os temas abordados foram fundamentais, assim como a postura dos convidados de se movimentarem e interagirem com a plateia.

“É de arrepiar ver aquele Salão de Atos cheio de jovens da periferia, participando com entusiasmo dos temas apresentados.”. Excerto este trecho pois ele também diz muito da minha percepção sobre o Fronteirinhas, da minha percepção hoje. Sempre entendi qual era a ideia do projeto, sempre me identifiquei com ele, tanto que graças à (com)vivência, decidi encarar uma licenciatura, e o pulo do gato é justamente este: a partir do momento em que me vi, me percebi e vivi professora, o simples (não tão simples) encantamento pelo projeto mudou de figura, mudou de status. Vestindo essa nova roupagem (armadura, talvez), de professora, saí do status de reles espectadora para entendedora do assunto, pois a esta altura do campeonato eu já sabia, como as coisas funcionam dentro de uma sala de aula, já existia uma noção (ainda romântica, confesso) sobre qual seria o meu papel como professora, e principalmente, como professora de Geografia. E como me dei conta deste novo personagem que de mim se apossou? Quando tive a oportunidade de levar o 1º ano do ensino médio (turma com a qual realizei o estágio docente) a um Fronteirinhas. Lembro até hoje da sensação de vê-los dentro do Salão de Atos, e em questão de segundos, imaginei e entendi, que existiam muitos deles lá. O que eu quero dizer com isso? Que eu conhecia os “meus”, conhecia (pelo menos um pouco) suas histórias, tinha noção das suas dificuldades, mas também de seus valores e interesses.

Um pequeno parêntese aqui: se eu precisasse definir meu maior aprendizado no estágio docente, seria a morte do achismo que vocifera: “adolescente não quer nada com nada”. E agora, em segunda mão (em primeira foi no relatório, desculpem-me), o segundo aprendizado é ouvir, para alguns pode parecer muito simples (principalmente para aqueles que nunca entraram em uma sala de aula e nela permaneceram em pé), mas é isso, ouvir, dar ouvidos, atenção, por que a partir disso, também “damos” (aspado porque penso que ninguém deveria precisar “ganhar” isso) voz, também conseguimos ter voz e fazer também com que nos deem ouvidos. É a famosa dialética que move o mundo e que move a docência.

Agora, voltando aos relatos, trago mais um. Em especial este um traz consigo uma percepção bastante emblemática com relação ao mencionado por Corazza (2016), onde ela coloca a Vontade de Potência de Nietzsche como uma possível justificativa para nós, professores, continuarmos correndo atrás da máquina (reinventando-a também). Foi pedido a uma professora que falasse sobre o projeto:

Sabemos que nossa caminhada é longa e imperfeita, que devemos e podemos realizar muito mais do que está sendo feito, mas com as parcerias que a todo momento surgem para a educação, poderemos ir muito mais longe.

Nesta mesma escola (municipal), uma aluna fez um relato sobre o evento e o fascículo onde o tema abordado foi Cidadania:

O Fronteiras Educação, nos ajudou a entender os acontecimentos de hoje com mais clareza e objetividade, pois saímos preparados para opinarmos sobre os temas propostos com reflexão e sabedoria. Levando os outros adolescentes a entender o que aprendemos junto aos palestrantes. Queremos que o Fronteiras continue aprimorando e colocando outros assuntos da atualidade em pauta para que outros jovens assim como nós, que participamos, tenham a oportunidade de refletir sobre a sociedade em que vivemos.

O relato da aluna desperta-me um misto de sentimentos: euforia e alegria, melancolia e decepção.

Euforia e alegria pela simples razão de fazer parte do Fronteirinhas, de colaborar com a construção de um projeto como esse, e principalmente de perceber que faz diferença, que é possível fazer a diferença. Para uma estudante de licenciatura é mágico enxergar uma possibilidade de fazer a diferença quase que materializada. Nós aprendemos muita teoria sobre como ser professor, sobre como possivelmente podemos “dar uma aula”, inclusive sobre como agir em determinadas situações, entendemos nosso papel, que não é apenas de facilitador como muitas pessoas pensam. Na licenciatura, entendi que não existe professor no mundo que nasceu professor, ouvi falar tantas outras vezes que ser professor é um dom, algo imanente, ou é ou não é, assim preto no branco, pois justamente percebi e vivi o contrário, não nasci professora, me construí/desconstruí/reconstruí professora tantas vezes que possivelmente não saberia determinar quando começou, mas sei que esse processo (ainda bem)

não tem fim. Eu preciso agradecer a quem teve a ideia de determinar que o estágio, a prática em sala de aula é obrigatória na vida do aluno de licenciatura, pois parece clichê, mas a prática ensina talvez mais que a teoria, mesmo. O/A recém-chegado/a estagiário/a pensa que vai mudar a vida dos alunos, que vai colocar todas as ideias (e teorias) em prática, que vai ser mágico, mas depois que passamos pelas 24 horas/aula, a gente se sente um pouco patético e soberbo por ter pensado daquela forma. Aí é que a melancolia mete o pé na porta, já trazendo a decepção pela mão, e a gente se sente meio trouxa. Trouxa no sentido de ter tido a petulância de pensar que temos esse poder, que os alunos são como donzelas em altas torres esperando a salvação, não é assim porque a vida não é um conto de fadas como muitos da minha geração pensam por culpa das VHSs verdes da Disney. Mas a sorte nos sorri de vez em quando, e talvez não por sorte, um relato como o da aluna me desperte sentimentos tão contraditórios, afinal a realidade é contraditória, eu sou contraditória, ser professor é contraditório. Afinal, a vontade de potência que move a todos não se alimenta justamente disso, da contradição? Dos infinitos tons de cinza, que fazem ponte entre o branco e o preto, que nos fazem ser quem somos? Eu posso não conseguir fazer com que toda uma turma preste atenção 100% do tempo em mim enquanto falo sobre a Pangeia, mas que mania é essa que alguns têm de achar que aluno bom é aluno calado, catatônico, “ritalinado”? Deus me livre (sem saber se realmente acredito que ele exista, mas essa é apenas mais uma parte contraditória em mim).

O que eu quis e quero dizer com tudo isso é que em meio ao sol escaldante do nosso Saara diário, encontramos pequenos mas significativos oásis que nos encantam com suas cristalinas poças de água e que nos fazem querer seguir. Momentos bons e ruins, somos feitos disso também, respeitemos e entendamos os nossos tons de cinza e acima de tudo, saibamos identificar nossos oásis.

Agora, vamos a algumas imagens, pois nem só de palavras um trabalho é feito.

Figura 1 – Conferência de Edgar Morin no Fronteiras do Pensamento Porto Alegre 2011.

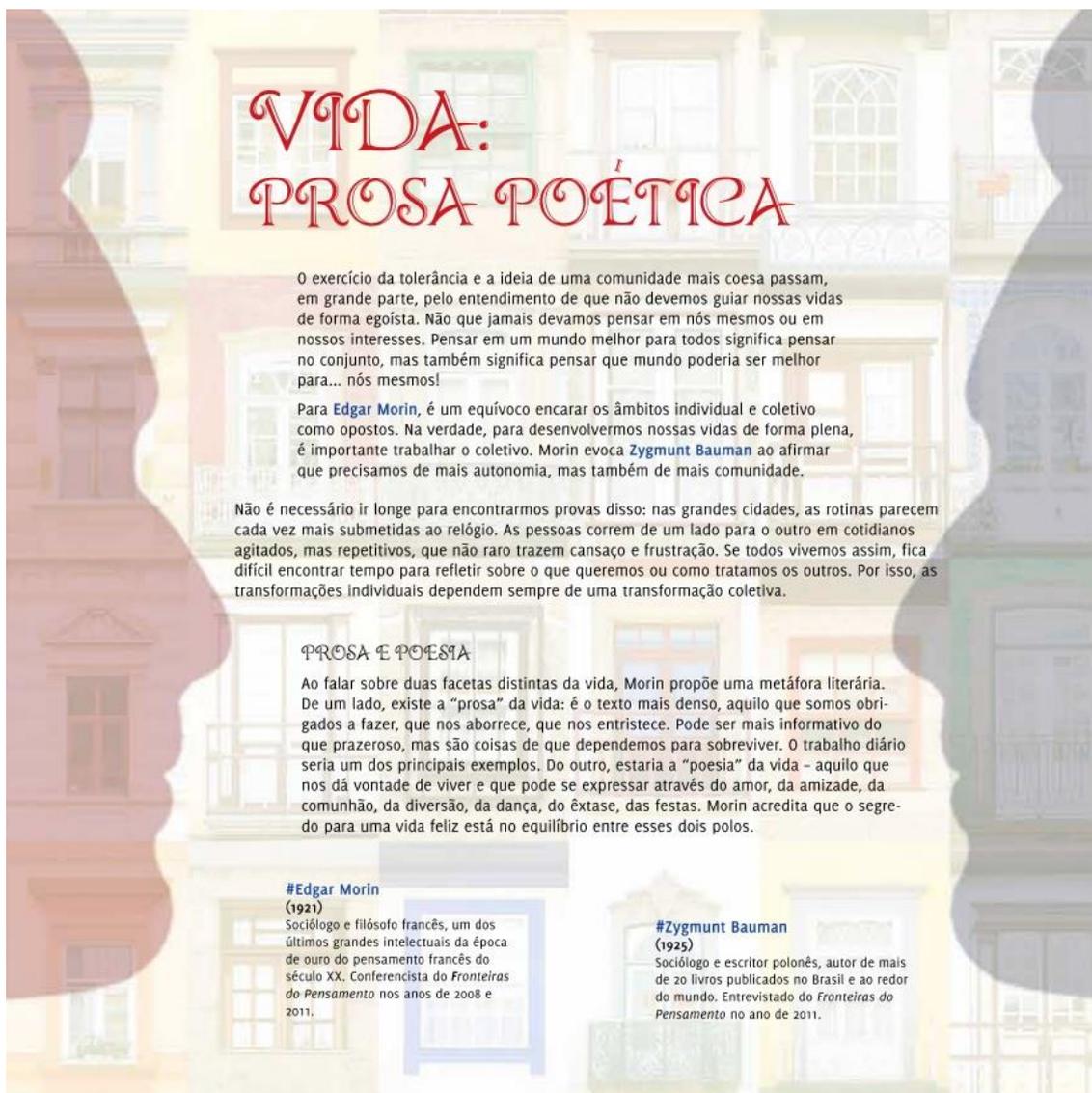


Fonte: Fronteiras do Pensamento.

A figura 1 mostra Edgar Morin quando falava à plateia, o tema da conferência foi “O caminho para o futuro da humanidade”. Além do próprio Morin estar em destaque no palco, sua imagem foi replicada em dois telões. Distante do púlpito, está sentado, na penumbra, o mediador da conferência, cuja tarefa consiste em direcionar a Morin as perguntas feitas pelo público presente, e que chegam até ele escritas em uma espécie de formulário. Nas conferências que acontecem no Fronteiras do Pensamento, não existe uma interação direta entre público e conferencista, apenas mediada.

A figura 2 mostra uma página do fascículo Justiça, Tolerância e Igualdade, que traz Morin e Bauman como referências:

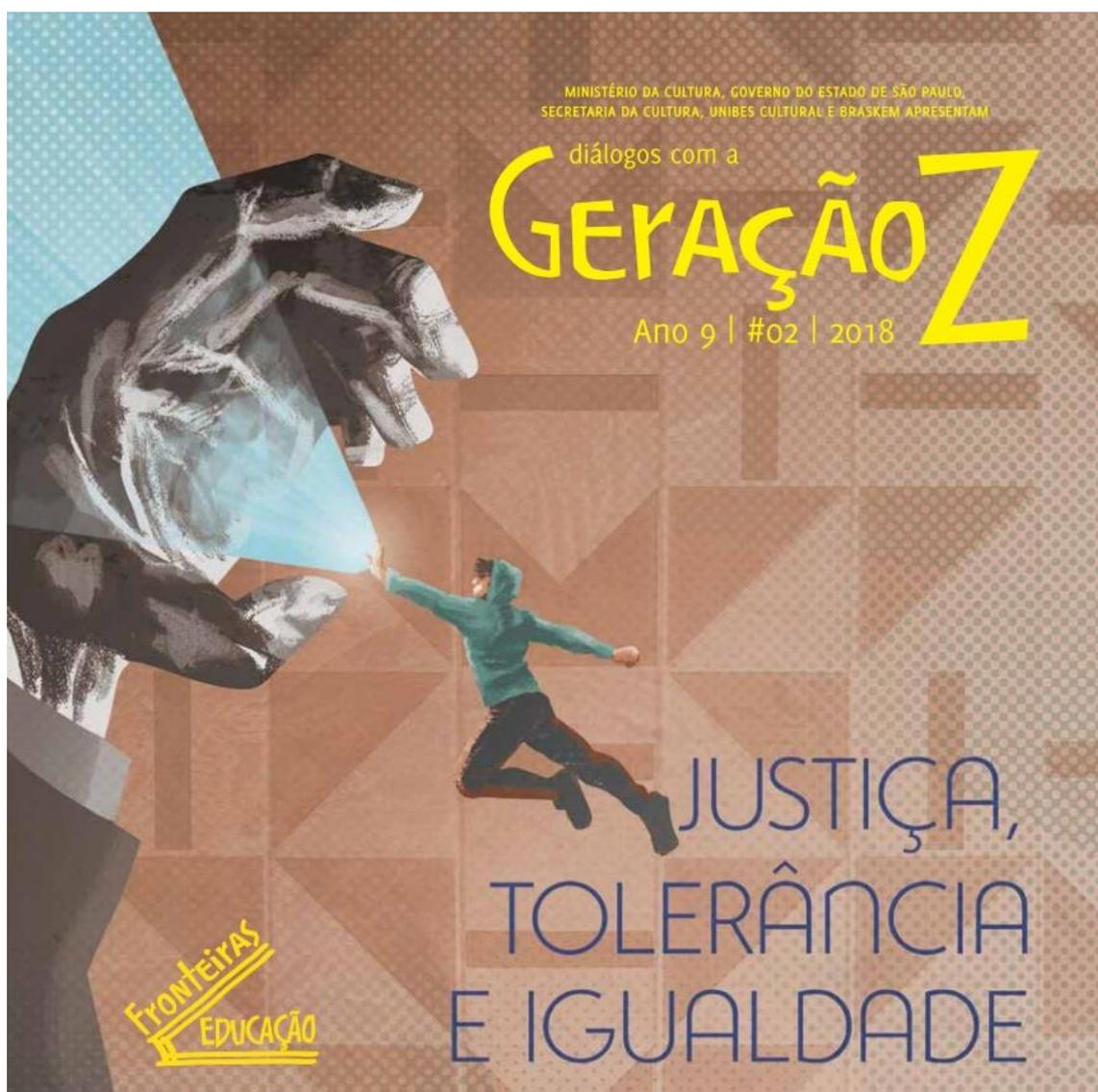
Figura 2 – Morin e Bauman no fascículo.



Fonte: Fronteiras do Pensamento/Fronteiras Educação.

Como vimos na figura 2, a página traz a leitura de Morin sobre a ideia de que a vida pode ser dividida entre Prosa e Poesia, sendo a prosa a parte das obrigações e a poesia, do lazer.

A figura 3 nos traz a capa do fascículo em questão citado anteriormente.

Figura 3 – Capa do fascículo.

Fonte: Fronteiras do Pensamento/Fronteiras Educação.

Em 2018, uma das edições (figura 4) teve como tema “Cidades para pessoas”. Nesta edição, foram debatidas diversas questões pertinentes à cidade e à população que nela vive.

Figura 4 – Fronteirinhas “Cidades para pessoas”

Fonte: Fronteiras do Pensamento/Luiz Munhoz.

O layout do Fronteirinhas é um pouco diferente do FP. A Professora Joana se movimentava pelo palco, enquanto conversava com a plateia (composta por alunos e professores) sobre o tema. A professora especialista no tema, que está sentada ao centro do palco, também se deslocava pelo palco, debatendo com Joana e também com a plateia. O mediador, ao contrário do FP, se movimentava entre a plateia para levar o microfone até a pessoa que quisesse falar.

A figura 5 apresenta o mediador dando a palavra ao estudante enquanto na figura 6 temos uma ideia do público presente, quase a lotação máxima do auditório da Reitoria.

Figura 5 – Mediador na plateia.



Fonte: Fronteiras do Pensamento/Luiz Munhoz

Figura 6 – Plateia Fronteirinhas Tolerância, Liberdade e Convivência.



Fonte: Fronteiras do Pensamento/Luiz Munhoz

3. PARTE 2 – EXPERENCIANDO A TRADUÇÃO TRANSCRIADORA

O educador é aquele que se assume como tradutor. Ao assumir-se como educador-tradutor, cria um processo de autocriação, em que as diferenças existem somente para se diferenciar. (Corazza, 2016, p. 64-65).

Conforme colocado na introdução, o trabalho é composto por duas partes. Na primeira, apresentei os Fronteiras do Pensamento e Educação e a razão de entender o último justamente como o fruto de um trabalho de tradução e transcrição.

Agora apresento-lhes o sumário de um fascículo que desenvolvi para o projeto Fronteiras Educação. Na construção deste sumário, foi fundamental que a minha vontade de traduzir e também transcriar emergisse. A partir da elaboração deste sumário, obtive o status de consultora do fascículo cujo tema será Direitos Humanos e a questão dos Refugiados.

Os sumários dos fascículos são organizados de maneira que fique clara para o redator a intenção de trazer determinados tópicos para o tema central, assim como as ilustrações. Saliento que o fascículo, bem como a aula, serão apresentados na edição de São Paulo do Fronteiras Educação em outubro deste ano.

Ao final do sumário, discorro sobre o motivo de minhas escolhas para cada tópico.

Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras, mas só há duas nações – a dos vivos e dos mortos.

(Couto, Mia; Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.).

FASCÍCULO x – Ano 10

Os refugiados e as fronteiras: o papel do novo mundo

Observações gerais

Para termos o que hoje chamamos de civilização, passamos por diversos processos, desde os mais primitivos, como a organização de comunidades, até os que são considerados modernos e mais complexos, como a organização de sociedades, onde as pessoas são dotadas de seus deveres e também de direitos. Para que conseguíssemos chegar até aqui, foram necessárias diversas mudanças e muito planejamento, como é o caso da delimitação das fronteiras de cada território. E, num mundo que não cessou seus conflitos e que provoca a

migração de nações inteiras, é justamente nos muros e nas fronteiras que temos hoje um dos maiores conflitos e dilemas dos tempos atuais.

PÁGINAS

01

INTRODUÇÃO

Desde que conhecemos o mundo como ele é, entendemos que fazemos parte de algo, algo maior do que nós. Essa grandeza muitas vezes coloca certos obstáculos à nossa compreensão, nos sentimos distantes, mesmo estando tão próximos fisicamente de nossos “vizinhos”. Somos ensinados a pertencer desde cedo a uma nação, vivenciamos nossos costumes, aprendemos a ter orgulho do que é nosso, porém, muitas vezes no meio desse caminho, nos falta entender as diferenças e como respeitá-las é o certo a ser feito. O ódio não deve, em hipótese alguma, tomar o lugar da razão. Moramos, todos, no mesmo planeta, nossas diferenças devem nos aproximar, não causar discórdia.

02 e 03

FRONTEIRAS

Trazer o conceito do termo (o que é, como é, para o que serve).

Linkar com a definição de Mia Couto postada em um artigo do portal Fronteiras: As fronteiras dentro e fora de nós – trecho: “Aprendemos a demarcarmo-nos do Outro e do Estranho como se fossem ameaças à nossa integridade, mesmo que ninguém saiba em que consiste essa integridade. Temos medo da mudança, medo da desordem, medo da complexidade. Precisamos de modelos para entender um universo (que é, afinal, um pluriverso ou um multiverso) e que foi construído em permanente mudança, no meio do caos e do imprevisível. Esses modelos simplificam o que só pode ser entendido como entidade complexa e complicam o que só em simplicidade pode ser apreendido.”

Por que as fronteiras hoje são os problemas? Quais delas? Por que as pessoas estão lá? Por que não podem passar? Quem define quem passa ou não? O que muda para um país abrigar ou não estas pessoas que querem entrar?

04 e 05**IDENTIDADE**

Quem somos? Por que somos? Como somos? A suposta consolidação de nossas identidades através do que conhecemos e experienciamos em nossas sociedades, a cultura. Como nos identificamos (se nos identificamos) pertencentes ao território que ocupamos? E o outro? (as diferenças nos impedem de perceber semelhanças?)

Leila Slimani - conferência 2018: Quem sou eu: identidade, cultura e sociedade

06 e 07**DIREITOS HUMANOS**

Explicação do termo. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (criação e contexto), trazer o link da ONU.

Gostaria de trazer nessa parte a fala de Denis Mukwege (Nobel da Paz em 2018 e conferencista da temporada 2019) proferida na conferência realizada em 2010 no Fronteiras em Porto Alegre, onde ele coloca como imprescindível a igualdade entre as pessoas para a busca de um mundo melhor.

08 e 09**MATERIALIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS**

Os muros. Em destaque atualmente pela possibilidade de construção do muro entre Estados Unidos e México, mas também lembrar o muro de Berlim e seu contexto.

da América e México. O atual presidente dos EUA usou muito dessa promessa em sua campanha.

Referência de Wim Wenders (Fronteiras 2008), cineasta alemão que discute o termo “fronteira” e também traz relatos sobre o muro de Berlim.

As fronteiras naturais: a natureza (como se o mundo se auto preservasse, em lugar onde o homem não pode ir) e as construídas pelo homem (justamente para evitar que outros homens possam chegar – do homem contra o homem). o impacto psicológico de uma barreira, afinal é algo intransponível, a menos que se tenha autorização. As teicopolíticas!

10 e 11**A HISTÓRIA DOS MUROS (E A HISTÓRIA QUE ELES CONTAM)**

Situar essas “pedras em cima de pedras na história”.

A Muralha da China (vista do espaço), os castelos medievais, fortes apaches e outras fronteiras consideradas históricas.

Quem ficava dentro e quem ficava fora?

12 e 13**OS REFUGIADOS**

Quem são essas pessoas? De onde elas vêm? Para onde elas vão? E o mais importante, por que elas precisam fazer esse movimento?

Contextualizar as razões que levam as pessoas a deixarem seus lugares de origem em busca de novas perspectivas.

Ai Weiwei, conferencista em 2018, produziu o documentário *Human Flow*. Não existe lar se não há para onde ir, que fala da trajetória de refugiados de diversos países (23, no total).

Dia mundial do refugiado: 20 de junho

Referência pop: *Human Flow*. Não existe lar se não há para onde ir

14 e 15**REFUGIADOS – DO OUTRO LADO**

A questão da Síria. Por que essas pessoas (entrar em detalhes sobre o perfil dessas pessoas?) estão deixando a Síria? O que está acontecendo lá (não falar sobre religião)? Para onde elas vão? Como são recebidas?

Trazer a questão sobre quem escolheu permanecer e como quem optou por isso está vivendo.

Falar sobre a ACNUR

Referência pop: Novela das 6, *Órfãos da Terra*

16 e 17**REFUGIADOS – AO NOSSO LADO**

Venezuela. Mesmos questionamentos sobre os movimentos na Síria: Por quê (o enfoque não será a busca de culpados)? Como? Quando? Onde? Fronteira com

o Brasil (Roraima): por que essas pessoas não são bem recebidas na maioria das vezes?

Fazer um panorama do Brasil: quantos imigrantes abrigamos? Tabela com os números por país. O que eles fazem aqui?

18 e 19

O AMBIENTE COMO UM FATOR

Diversas razões fazem com que determinados grupos deixem seus lugares de origem, porém uma que é bastante presente é a questão ambiental. Sabemos que o ambiente é fundamental para o estabelecimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento de grupos em certos locais.

Movimentos em decorrência de eventos climáticos, exemplo:

Cuba: temporada de furacões faz com que muitas pessoas deixem o país

Movimentos em decorrência de outros tipos de desastres naturais: Haiti, terremoto de 2010 (o país ainda não conseguiu reerguer suas estruturas)

Mary Robinson, conferencista em 2016, traz a questão do clima como sendo uma pauta dos direitos humanos.

20 e 21

PAÍSES DESENVOLVIDOS X PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

Mesmo acontecendo eventos extremos em qualquer lugar do planeta, existe uma diferença em relação aos danos e sobre como determinados lugares possibilitam a recuperação em menos tempo: o desenvolvimento.

Comparativo: terremoto no Haiti e terremoto na Nova Zelândia; ciclones de intensidade semelhante vitimaram mais de 100 mil pessoas em Mianmar (2008) e ninguém na Austrália (2010). O tsunami no Japão (atendimento efetivo às vítimas e a reconstrução do país), o ciclone em Moçambique que foi recorrente (bastante atual).

Nos países mais ricos, existem mecanismos de proteção melhor desenvolvidos, além disso, nos países mais pobres e mesmo nos países em desenvolvimento, existem muitas vítimas no pós-desastre devido à falta de abastecimento de itens básicos, o que não acontece nos países desenvolvidos.

22 e 23**NORDESTE BRASILEIRO**

Em tese, não poderíamos classificar um refugiado dentro do limite de um país, porém existe uma corrente que busca justamente atualizar o conceito de refugiado para abranger as pessoas que migram do nordeste brasileiro para outras regiões do país em razão de fatores climáticos, como a seca. O termo refugiado diz respeito a uma situação em que alguém necessite de proteção no que diz respeito ao direito internacional (ONU).

Aqui, poderíamos colocar um quadrinho especificando a diferença destes termos: migrante X refugiado.

24 e 25**NOVA LEI DE IMIGRAÇÃO BRASILEIRA**

Podemos mencionar a Lei de Refúgio brasileira que é considerada uma das mais avançadas no mundo, e então falar sobre a nova Lei de Imigração, que define a migração como um fenômeno da humanidade e procura simplificar procedimentos administrativos para a integração do imigrante, como a confecção de documento de identidade e o acesso aos serviços de saúde e educação.

Outro ponto importante é que na nova Lei, que entrou em vigor em 21 de novembro de 2017, também é mencionado o reconhecimento da condição de apátrida.

Trazer um apanhado geral de legislação no Brasil e no mundo. Pode ter boxes explicando, e também exemplos dizendo o que já funciona e o que é apenas um papel assinado.

Fazer um quadrinho explicando o conceito de apátrida.

26 e 27**O QUE O FUTEBOL TEM A VER COM ISSO?**

Em 2018, o mundo viu a seleção francesa vencer a copa. Durante as aparições da seleção vencedora, muito se falou do fenótipo de seus jogadores: muitos são filhos de refugiados e imigrantes de países do continente africano, além disso, 2 dos jogadores migraram do continente para a França.

Podemos falar sobre a questão da xenofobia e traçar um paralelo: no futebol, onde algo tão importante é protagonizado por cidadãos que descendem de outros povos, que não europeus, e onde existe uma discriminação.

A roupagem de herói que um atleta carrega, a batalha é o jogo, a vitória é representada por uma taça ou um troféu.

3.1. ESCOLHAS JUSTIFICADAS – PARTE 2

Conforme falamos ali em cima, a ideia de um fascículo do Fronteiras Educação é colocar, de outra forma que não a usual em sala de aula, temas pertinentes aos alunos do ensino básico a partir do sexto ano do fundamental.

A pergunta que surge possivelmente é: mas qual a diferença? Insisto em resgatar o que trouxe no momento da introdução: se entrarmos em uma sala de aula de uma escola municipal ou estadual, em uma turma de oitavo ano e perguntar se alguém conhece Bauman, ficaríamos surpresos se alguém levantasse a mão, não é mesmo? Então é justamente disso que se trata o Fronteirinhas, esse é o nosso trabalho, é levar Bauman, Morin, Kant, Ai Weiwei, Leila Slimani, Mia Couto, Vandana Shiva, Peter Singer, Alain de Botton, Enrique Peñalosa e tantos outros que eu poderia citar, até essas pessoas, que também são pessoas, que também fazem parte da nossa sociedade. Para que o encontro entre o adolescente e a teoria de Bauman, por exemplo, aconteça é necessário traduzir, isto é, transcriar, potencializar vida.

Ao atribuir uma tradução às matérias – sejam científicas, artísticas ou filosóficas, expressas pelos currículos –, ecoamos um determinado significado, que já existia nos originais, como a sua possibilidade mesma de existir. Graças às traduções didáticas, as matérias de chegada mantêm encontros, mesmo fugidios, com as de partida; sem, no entanto, perder o parentesco, a proximidade, a vizinhança entre as línguas [...]
(Corazza, 2015, p. 109).

O mito do adolescente desinteressado precisa ocupar o lugar que lhe pertence, o de apenas mito. O que me faz pensar que vale a pena, e que essa ideia faz diferença é pensar em mim como aluna e em mim como professora. Quando fui aluna do ensino básico, nunca cheguei perto de nomes como esses. Podemos entrar na questão do interesse, que vira mérito ao concluir que basta este interesse existir, que basta a motivação ser persistente, que “quem quer dá

um jeito”, e continuarmos na mesma, onde apenas alguns, uns poucos alguns, terão esse interesse e essa disposição, mas não seríamos realistas se assim pensássemos.

A escolha pelos tópicos foi guiada, em primeiro lugar, pelos conferencistas que passaram pelo Fronteiras do Pensamento, alguns mais recentes, outros que prestigiamos em edições acontecidas há mais tempo. Preciso frisar que falar sobre os refugiados foi uma decisão em conjunto, principalmente pelo que está acontecendo tão perto de nós, aqui eu trago a Geografia pulsante que nos compete, o que tocamos e o que nos toca. A ideia do fascículo e da aula do Fronteirinhas é ser o mais compreensível possível, queremos levar a fala do Mia Couto, mas queremos que a ideia dele seja compreendida por alguém que não tenha um diploma de graduação. Eu quero levar para os alunos um tema que diga respeito a eles, que eles entendam a razão disso, mas principalmente que eles compreendam seu papel diante disso. Isso é Geografia! Geografia é crítica, e através da crítica, eu consigo criar, eu não preciso me tornar refém da modernidade líquida, eu posso usá-la a meu favor. O meu papel como educadora de Geografia é falar sobre como a política é importante e que ela não se resume a partidos de esquerda e direita, que precisamos sim falar sobre política, que discutimos sim sobre política, embora algumas postagens feitas em redes sociais digam que não. Vejam bem, além de todos os “inimigos” com os quais nós professores precisamos lidar, ainda nos restam “fake news”, não é fácil e também não é simples.

Ora, se vamos falar sobre fronteiras, o primeiro pensamento que surge é: qual é a primeira fronteira com a qual temos contato? O eu, não é mesmo? E a Geografia traz um ponto importante sobre isso, a questão do espaço e justamente a corporeidade desse espaço, logo, o corpo é espaço e também é fronteira. A ideia que o Mia traz no artigo que pedi como referência no primeiro item do fascículo fala justamente de como entendemos a fronteira e de como depende de nós e do outro, assim como é difícil ultrapassarmos a fronteira que é estabelecida, talvez em um primeiro instante pelas pessoas que nos “criam”, a seguir por nós mesmos, talvez concomitantemente com a ideia que apreendemos de que existem nós e os outros, nós deste lado, os outros do outro lado, e pronto, conjuramos outra fronteira. O quão diferentes e o quão similares podem ser as ideias separadas, retidas por uma fronteira? A palavra pode

representar tanto um simbolismo, a exemplo da famigerada fronteira entre a vida e a morte, ou ainda, uma fronteira moral, que será estipulada a partir do que cada pessoa entende como moralmente aceito ou não, quanto a definição de um território, onde termina um país ou estado e inicia outro. Pensar sobre como existem essas diferenças que foram ensinadas, depositadas, sobre como essas verdades foram colocadas como incontestáveis, me levou a refletir sobre a questão da identidade, se falarmos de identidade com as crianças, em um primeiro momento possivelmente eles pensem de que se trata de um documento, então, a importância de debater a identidade com uma criança e fazer com que o conceito fique claro, está de mãos dadas com o entendimento de estar aqui, pescando uma parte em que falei anteriormente, a importância do papel de cada um nesse lugar chamado mundo, entender quem somos, quem eu sou, quem é a criança que estará sentada na plateia.

E seguimos o nosso sumário (a esta altura do campeonato, penso que o que é “meu”, já é nosso), chegamos na parte em que sugiro a pauta Direitos Humanos. Me deixa explicar porquê logo após identidade: tenho certeza de que a maioria das pessoas já ouviu, principalmente na última eleição presidencial, a expressão “direitos humanos para humanos direitos”, então eu acredito que a sequência seja cabida por dois motivos: pela questão da discriminação que a pauta busca combater e também por ouvir a frase que citei há pouco, frase esta que explicita um argumento raso e dotado de preconceito. Acredito que esse tópico seja uma ótima oportunidade para desmistificar e desmentir pontos que são cruciais para o nosso entendimento sobre quem somos, que são os outros, mas principalmente que os outros podem não ser uma ameaça.

Estamos falando agora sobre a materialização das fronteiras citadas logo acima, percebam que a escala é alterada e a noção de espaço também. A materialização da fronteira simboliza um outro nível, possivelmente pensamos em um muro alto, com arames (ou cacos de vidro) sobre ele. O que essa imagem simboliza? Que emblema ela carrega? De divisão, possivelmente. O presidente dos Estados Unidos da América argumenta que a construção de um muro que estabeleça o limite (fronteira) de seu país com o México é necessária para a proteção do povo norte-americano, afinal, os mexicanos devem permanecer na terra deles. Note o termo proteção na frase, a ideia de materializar uma fronteira

sob pena de excluir, ou melhor, de impedir que os “outros” cheguem perto de “nós”. Percebem como uma coisa leva a outra?

Mas afinal, de onde surgiu essa ideia de fronteira e muro? Há muito tempo surgiu o primeiro limite materializado, possivelmente com o mesmo intuito e justificativa utilizados ainda hoje, de proteção. Falar sobre a história das coisas, sobre momentos é importante para que possamos acompanhar o raciocínio, a linha do tempo. Estamos sempre falando sobre como entender, compreender, não é? E justamente por essa razão, julgo importantíssimo contextualizar e situar os momentos no espaço, em nosso espaço, aquele que estabelecemos sobre uma fronteira (ou não).

E já que a antepenúltima palavra do parágrafo anterior foi justamente fronteira, pergunto: o quê vem à mente quando pensamos em uma fronteira? Alguém a atravessando, talvez? Como falamos logo acima sobre o muro de Trump contra o México, podemos pensar sobre os motivos que levam pessoas a deixar seus lares. Por que será que as pessoas fazem isso? Às vezes, as pessoas estão em busca de um cenário melhor para viver, mais oportunidades, ou às vezes, as pessoas querem apenas sobreviver, querem fugir de algo tão horrível que nós, aqui sentados lendo isso, talvez nem consigamos conceber.

Com a ideia de refugiado posta em mente, precisamos subir mais um degrau. Sabemos que existem pessoas que deixam suas casas por diversos motivos, mas em que lugar, especificamente, isso pode acontecer? Em qualquer um? Existe algum padrão? Falar sobre o que aconteceu e ainda acontece na Síria é o papel de qualquer professor de Geografia (ou Filosofia, ou História, ou Sociologia, sim, todas aquelas matérias que muitos julgam inúteis). Mas é lá longe, não vai interferir na vida das criaturinhas. Pensar sobre as razões que levaram a Síria ao caos em que se encontra hoje é fundamental para entender diversos mecanismos, geopolítica e geografia política andam de mãos dadas, assim como petróleo e conflitos. Mas, já que possivelmente alguém disse que a Síria fica longe, podemos trazer um exemplo vizinho, bem vizinho, diga-se de passagem, porque faz fronteira com o Brasil, vamos falar sobre a Venezuela. Com toda a certeza, a maioria dos alunos pelo menos ouviu falar em Venezuela no último ano, possivelmente trombou com algum venezuelano por aí. Pois justamente a experiência me disse (e me mostrou) que nosso papel como docente não se limita a disparar conteúdo, precisamos ir além disso, por isso eu

volto em um ponto colocado mais acima, identidade. Quando alguém fala sobre algo que sabemos ou que pelo menos já ouvimos falar, nos identificamos, não? Esse é o ponto. O empírico tem valor, é valiosíssimo.

Agora outro ponto importante (sim, todos são): o chão em que pisamos e as formas que enxergamos. Estou falando do tópico seguinte, do ambiente como um fator para acontecer tudo o que já entendemos, suponho, que acontece. Novamente, a chance de alguém ter ouvido falar sobre as catástrofes ambientais é grande. Como colocado lá no tópico, o terremoto no Haiti, que inclusive trouxe muitos refugiados para o Brasil, teve repercussão, principalmente por conseguirmos enxergar essas pessoas, esses sobreviventes, é algo que faz sentido, é algo com o qual nos identificamos quando alguém fala. Entender como se dão essas coisas é fundamental para que possamos conceber certas diferenças, e por isso julguei também fundamental que falássemos sobre a dicotomia com dinheiro X sem dinheiro que rege o mundo. Colocando as diferenças das situações, não como ocorrem (os desastres em si), mas sim como são atendidas (a população) é um ponto importante para entender porque sim e porque não.

Outro ponto bastante identificável, nós encontramos no próximo tópico: o nosso Nordeste. Os movimentos migratórios são estudados no ensino básico, e certamente o caso nordestino figura nessa parte. Pois bem, o nordeste é um exemplo de movimento migratório que se faz necessário em decorrência das condições do ambiente. Claramente existem estereótipos aplicados nesta situação, e que precisam ser desconstruídos, com toda a certeza, este é um assunto que proporciona isso. O movimento que muitos nordestinos fazem em busca de melhores condições é tão significativo que existe uma corrente de estudiosos buscando classificá-los como refugiados, uma vez que o termo só é utilizado quando falamos de movimentos que atravessem fronteiras nacionais. E qual o choque em saber que a lei de refúgio do Brasil é considerada uma das mais evoluídas do mundo, assim como a nova lei de imigração (2017)? Acho importante falarmos sobre legislação sempre que existir a oportunidade pois estes são instrumentos que podemos usar a nosso favor.

E finalmente, o futebol. Precisei incluir o futebol neste sumário. Sabemos que o mundo respira futebol, que o Brasil vive por futebol. Sabemos, ainda, que a sala de aula é composta por brasileirinhos. Quem nunca se deparou com a

camisa de algum time desfilando pela sala, que tire foto dessa turma, por favor. Pois bem, julguei interessante e importante falar sobre a seleção vencedora da Copa do Mundo de 2018 e que chamou a atenção, não somente pelo desempenho em campo, mas por seus atletas. A seleção era composta por muitos filhos de imigrantes vindos do continente africano. A seleção vitoriosa do maior evento futebolístico do planeta foi defendida por filhos de imigrantes. Traçando o paralelo de que os atletas são os novos heróis e o jogo é a nova batalha, como o fenótipo faz diferença? Ainda faz diferença? Na França, ainda existe muita xenofobia com relação aos imigrantes e também aos seus filhos, não só na França, é claro, mas acho que essas considerações têm muito pano para manga. Usando do futebol, que é algo bastante próximo à realidade dos nossos alunos, conseguimos falar sobre muitas coisas, inclusive e principalmente, sobre preconceito.

Todo o sumário foi pensado pelo meu eu quase licenciado e quase geógrafo, mas também pelo meu eu Fronteirístico, afinal são alguns anos de braços dados com o logo azul, que já foi amarelo e que hoje é coral. Pois eu acredito que justamente a união desses diversos eus permitiu que eu conseguisse expor a minha visão sobre o que precisamos saber, sobre o que os meus alunos ou alunos de outros professores podem saber. Durante a reflexão sobre os pontos que eu gostaria que fossem abordados e tivessem destaque, fiz diversos mapas mentais, tenho extrema dificuldade com inícios, nunca sei como começar, já terminar, é comigo mesma. Então o que me ajudou a dar início, foi o meu eu quase licenciado, fresquinho do estágio, serelepe com a ideia de montar algo e professar por aí. Logo em seguida, o eu quase geógrafo entra em cena e passa a coordenar a operação por um tempo, coloca os pingos nos is, “critérios, Michele, objetividade”, me diz ele. Pensei que o eu Fronteirístico havia permanecido na penumbra, acanhado, talvez achando que não fosse necessário intervir, mas para a minha surpresa, arquitetou tudo, desde o início. E após a entrada de cena para cada um deles, entendi que agiram em conjunto, e percebendo isso acredito ter capturado, apreendido o conceito que venho falando durante todos estes textos, durante todas estas reflexões, que não existe um único caminho para chegarmos onde queremos, não existe um único modo de ensinar/traduzir, não há uma receita de aula (como muitos tentam nos empurrar), nós professores e futuros contamos com algo que muitos talvez não

contem, talvez não entendam, nós temos uma potência, uma vontade de, existe algo que nos move (não é o salário), para alguns talvez sejam as férias de verão? Talvez, mas eu tendo a acreditar (perdoem meu excesso de romance) que para muitos, assim como eu, quase formados, ainda se trata do bichinho carpinteiro nos bolsos de nossas calças que nos fazem querer seguir com essa loucura toda, que ainda acreditam, como coloquei lá no início, que outros dias virão, mais brandos e cintilantes, calmos mas não marasmáticos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE TUDO ISSO

O cidadão, ou no meu caso, cidadã, resolve cursar Geografia na Universidade, vai lá e passa por aquela tortura amplamente conhecida como vestibular, após a aprovação, vamos para o quê interessa: Geografia! É Geografia pra cima e pra baixo, (ou devo dizer pro Norte e pro Sul?) Geografia no céu (nas nuvens, nas estrelas) e Geografia na terra (no mar, nos fósseis), até aí, tudo sob controle, o pulo do gato está por vir, sorrateiro, o gato espreita aquele/a estudante contente por estar cercado de Geografia, espia, de longe, a criatura que se deleita em Ab'Saber, Milton Santos, Kant, e tantos outros, que se deixa seduzir (e confundir) pelo canto de sereia daqueles gigantes (Adamastores?), que devora (e decora) aquelas classificações climáticas com tanta voracidade, que continua sem notar a presença do referido ali em cima, o gato, que segue de olho, em *stand by*, até que o/a estudante fascinado/a dê brecha. Mas afinal de contas, quem (ou o quê) é esse bendito gato, e que pulo esse bicho vai dar? Ô azar! A Geografia era nada, nada, nada, nada, absolutamente nada daquilo que a gente achou que fosse, definitivamente não era o quê nos ensinaram na escola, mas como assim?

Para começar a fazer sentido, me deixa contar quem é o gato: eu escolhi chamar de “lugar no mundo”, mas eu acredito que para muitas pessoas também vem a ser o que chamam de consciência. A partir do momento em que nós, estudantes de Geografia (vale a pena ressaltar que falo aqui da Geografia em específico pois foi a partir dela que o “eu” autor disto tudo foi transcriado), permitimos que o gato dê o seu pulo (bem em cima da gente, de encontro a nossas caras), dói. No sentido literal, a dor viria dos arranhões e mordidas do gato em questão, mas eu acho, na verdade tenho quase certeza, de que a realidade (aquela que nos toca, independentemente da nossa vontade) tende sempre a ser mais cruel (ou crua), não sendo possível sairmos ilesos (apenas com cicatrizes físicas) de um ataque desses. Cometendo a infâmia de citar um clichê, as cicatrizes são bem mais profundas, pois os “arranhões” atingem o nosso íntimo, e permita-me já acrescentar um novo clichê: este é um caminho sem volta, uma vez que quando se dobra o Cabo da Boa Esperança, não há Adamastor que possa competir com a força de uma ideia bem intencionada. E é justamente disso que se trata docenciar em Geografia: nós, futuros

professores/as, contra os adamastores. Nós, contra nós mesmos, contra as versões de nós que teimam em repetir o que já sabem ser falho, que persistem em replicar as ultrapassadas fórmulas, que permanecem na inércia e na desatitude, que esquecem do quão capazes são e da força que os move, não em frente, não ao norte, mas a algum lugar diferente do qual estão agora.

Vendo tudo o quê eu vi, ouvindo tudo o quê ouvi durante e o mais importante: vivenciando tudo o quê eu vivenciei nesses quase 5 anos, consigo pensar que cabe a nós, como futuros docentes, trabalharmos sempre para que não nos entreguemos, não nos deixemos sucumbir na sala dos professores, não nos tornemos reféns do livro didático nem dos textos intermináveis dispostos em slides, e sim, que nos reinventemos a cada aula e a cada troca realizada com nossos alunos (cada olho no olho), pois o processo é uma via de mão dupla, vem e vai, nós ensinamos, mas também aprendemos, e a Geografia traz isso, em especial, como já citado por Rego (2006, p. 180) “aliás, sempre pergunto: qual campo do conhecimento não é, ao menos, tangente à geografia e às questões do espaço geográfico?”, então o papel do professor de Geografia é esse: trazer, levar, e o famigerado devir, mas acima de tudo, mostrar a Geografia aos alunos, tornar possível que nossos alunos percebam que a Geografia é tudo aquilo que tocamos e que nos toca.

Fazer parte de um projeto como o querido Fronteiras me permitiu enxergar além do que vi em sala de aula, muitas vezes, até parecia que eu estava participando de uma prática não requisitada (ou talvez solicitada pelo meu inconsciente?) da teoria que aprendi e, talvez mais importante, aprendi. Preciso (ou posso querer) ensinar geografia às criaturas? A resposta é sim. Mas não apenas de uma forma, não apenas seguindo planos de aula (aliás, na maioria das vezes, não seguimos mesmo, não é?). Os professores (seja de geografia, história, sociologia, etc) não estão fadados a reproduzir e depositar conhecimento de forma mecânica, o professor pode, sim, ser o protagonista, o professor pode, sim, criar ou recriar ou transcriar a matéria, a linguagem, o signo, não precisa ser uma cópia de algo que recebemos de cima para baixo.

Pode parecer um tanto quanto romântico de minha parte colocar as coisas dessa maneira, mas ao mesmo tempo em que sofri choques e mais choques de realidade durante a minha passagem pela graduação, eu percebi que o encantamento faz toda a diferença, e quando digo encantamento, não quero

dizer alienação ou trabalhar por amor, ou que escolhemos docenciar por intervenção divina, (todos precisamos comer e pagar boletos, então precisamos de dinheiro), mas sim justamente nos apropriarmos das cicatrizes deixadas pelo bendito gato à espreita e torna-las incentivo, porque se tem uma coisa que eu posso dizer que aprendi neste tempo, é que não conseguiremos mudar o mundo, nem vivendo clichê atrás de clichê, porque o trabalho do professor é semelhante ao de uma formiga, carrega muito mais do que pode, ainda assim parece pouco, mas esse pouco pode fazer a diferença para muitos ou para alguns e isso é o bastante, ao menos é para mim.

ANEXO A – Entrevista realizada em 2013 com a professora de Filosofia e Geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pepita de Leão, localizada na zona norte de Porto Alegre

1. O que motivou a escola a participar dos Diálogos com a Geração Z?

A realização do Fronteiras do Pensamento sempre motivou grande admiração da minha parte, uma vez que temos poucas oportunidades de ouvir e ver ao vivo pessoas que se destacam nos livros que estudamos e marcam nossa formação intelectual, por exemplo, na Filosofia, que é minha área. No entanto, esse evento é muito caro e acabei nunca conseguindo participar. Quando soube da edição para professores/as, prontamente me inscrevi e, podendo possibilitar a participação de meus alunos e alunas, que tem uma carência ainda maior desse tipo de vivência, não hesitei. Infelizmente, em 2010 não pude participar por questões de horário, mas tive acesso ao material levado por minhas colegas e senti um retorno muito positivo dos alunos e alunas. Sendo assim, em 2011, corri para garantir uma participação ainda maior deles e delas.

2. A escola já tinha algum projeto anterior?

Procuro pautar minhas aulas de Filosofia pela questão ética e o respeito às diferenças. Nesse sentido abordamos Platão, Kant, Nietzsche e Foucault, através de filmes como “As melhores coisas do mundo” e outros, discutimos Bullying e Direitos Humanos. Essa foi a base de meu trabalho anterior.

3. A partir do encontro a escola motivou-se a colocar em prática algum projeto?

Com as turmas de C20 fomos mais a fundo nos movimentos sociais e resgatamos a postura rebelde dos estudantes de maio de 68, articulando em artes com o Graffiti e criando camisetas e cartazes que colocassem lado a lado as reivindicações daquele grupo e as dos jovens atuais. A partir daí refletimos sobre a situação política hoje na Europa, Oriente Médio e EUA e realizamos painéis e cartazes muito interessantes. O envolvimento dos /as estudantes foi bem intenso e o processo muito rico. Em C10 aproveitamos a questão da bioética para aprofundarmos nossos estudos sobre moral. Assistimos GATTACA e refletimos sobre a própria natureza humana e os limites da Ciência. Os alunos e

as alunas tiveram uma participação bem efetiva e recorreram várias vezes ao que tinham visto no Fronteiras.

4. Qual foi a receptividade dos alunos?

Conforme descrito acima, muito boa, embora haja uma profunda falta de informação e conhecimento que possibilite o trabalho efetivo a partir dessa receptividade, que também se esvai muito rapidamente.

5. E dos professores?

Avalio que muito boa, pelo menos de minha parte, conforme já exposto também.

6. Avalie ao atendimento quando da inscrição: Ótimo

7. No dia do encontro: Ótimo

8. A organização de um modo geral: Ótima

9. Aspectos positivos e outros a melhorar:

A estrutura é espetacular. É de arrepiar ver aquele salão de atos cheio de jovens da periferia, participando com entusiasmo dos temas apresentados. Nesse sentido a animação do Fabrício é, literalmente, show e ele segura muito bem a onda, que está mais para um tsunami... A inserção de vídeos, músicas e clipes também é uma grande sacada, assim como o material distribuído e o que está disponível na internet: EXCELENTES, tanto do ponto de vista gráfico, da linguagem e do conteúdo. O transporte gratuito é um ponto importantíssimo e os temas abordados foram fundamentais, assim como a postura dos convidados de se movimentarem e interagirem com a plateia. Para contribuir, notei na última edição (Filosofia e Literatura) um certo atropelo. Não é fácil equilibrar a necessidade de atenção do público e o aprofundamento dos assuntos, mas é um desafio que deve permanecer, sob pena de o evento se tornar esvaziado de conteúdo. Entendo que ele serve muito mais como uma sensibilização para que os assuntos sejam aprofundados em aula, mas senti que os palestrantes não conseguiram dar seu recado a contento e que a coisa toda ficou corrida demais, então, sugiro um pouco mais de velocidade moderna nesse quesito, mas sem perder o show!

10. Temas a sugerir: A América Latina em sua história e atual conjuntura; Para onde foi a rebeldia? Violência e sociedade de consumo; Protagonismo juvenil; Movimentos sociais; Um outro mundo é possível? A miséria e as relações humanas; Ética pra quê? Corrupção política e nas relações; e muitos outros para que essa possibilidade coletiva de reflexão se aprofunde cada vez mais!

11. Comentários Gerais: Muito obrigada e continuem com a iniciativa. Talvez fosse interessante criar-se um fórum de participantes (um representante por região da cidade, por exemplo) para permanente avaliação e contribuição para as demais edições, num diálogo mais próximo e efetivo.

ANEXO B – Relato de uma professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo, localizada na zona sul de Porto Alegre. Foi pedido a ela que falasse sobre a sua percepção do projeto e sobre como as ideias do projeto eram colocadas em prática na escola. Este relato foi enviado à produção do projeto também em 2013.

Entendemos o evento Fronteiras Educação – Diálogos com a Geração Z como mais um espaço de formação de lideranças de nossos jovens estudantes. Os temas e diálogos propostos vieram ampliar a formação cultural daqueles que possuem poucas possibilidades deste tipo e forma de discussão. Por mais que na sala de aula a escola proponha novas discussões, estas nunca terão o formato que um grande auditório, com turmas de outras escolas, outros estudantes, uma tecnologia disponível, além do som forte e direto juntamente com telões são proporcionados pela UFRGS. A interação entre os ótimos palestrantes e o Fabrício Carpinejar está mais acarinhada, o que passa para a plateia uma unidade do que se pretende. Falamos de formação de lideranças porque este tipo de evento infelizmente não é possível ser proporcionado para todos então ficamos com apenas uns escolhidos. Então, como dar conta disso? Optamos por convidar alunos de todas as turmas do III Ciclo. De cada turma convidamos os representantes de turma e alguns outros alunos, mesmo sem ter sido eleitos para tal, que fossem indicados por seus pares. Sua função seria trazer a discussão feita no encontro para dentro da escola. Antes de cada encontro na UFRGS, realizávamos um momento, reunindo-os na biblioteca para discutir o assunto, que era retomado após as palestras. Além disso, realizamos dois encontros, na escola, com alunos do II Ciclo que não foram contemplados por uma questão de idade/maturidade aos momentos do Fronteiras da Educação. Propusemos o tema da Sustentabilidade e Ecologia, a palestra foi proferida por um ex-aluno de nossa escola, Ítalo Sabino, que se formou na área e hoje tem uma empresa que lida com assessoria a condomínios e escolas sobre o assunto. E o tema da Democracia e Direitos Humanos, com a vereadora e presidente da Câmara Municipal, Sofia Cavedon, que conversou sobre ser cidadão. Sabemos que nossa caminhada é longa e imperfeita que devemos e podemos realizar muito mais do que está sendo feito mas as parcerias que a todo momento surgem para a educação, poderemos ir muito mais longe.

Ainda na mesma escola, uma aluna pediu à professora para que também pudesse falar sobre a sua percepção.

Achamos que o projeto foi muito bem organizado. Com temas que levaram os jovens a pensar. O Fronteiras do Pensamento, nos ajudou a entender os acontecimentos de hoje com mais clareza e objetividade, pois saímos preparados para opinarmos sobre os temas propostos com reflexão e sabedoria. Levando os outros adolescentes a entender o que aprendemos junto aos palestrantes. Queremos que o Fronteiras continue aprimorando e colocando outros assuntos da atualidade em pauta para que outros jovens assim como nós, que participamos em 2012 e este ano, tenham a oportunidade de refletir sobre a sociedade que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fronteiras Educação – Diálogos com a Geração Z Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/educacional>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

REGO, Nelson. Geração de Ambiências: três conceitos articuladores. In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (Org.). **Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, 2016.

SCHVINGEL, C.; CORAZZA, S. O professor-tradutor: imagens do Projeto Político-Pedagógico na Educação Infantil. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 3, p. 59-73, 2016.

PINTO, C. L. M. Percepções. [2013]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Amália Meneghetti.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática-artista da tradução: transcrições. **Mutatis Mutandis**, v. 6, n. 1, p 185-200, 2013.

COUTO, Mia. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. In: ELEK, M. C. (Org.). **Pensar a cultura**. Porto Alegre: Arquipélago, 2013.

DUARTE, S. Percepções. [2013]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Amália Meneghetti.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisar o Acontecimento: estudo em XII exemplos. In: TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Pro-Posições**, v. 26, n. 1 (76) | p. 105-122 | jan./abr. 2015.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

THOMÉ, Luciana. Quem sou eu: identidade, cultura e sociedade. **Fronteiras do Pensamento Porto Alegre**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/resumos/quem-sou-eu-identidade-cultura-e-sociedade-poa>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

THOMÉ, Luciana. A arte em nome da liberdade. **Fronteiras do Pensamento Porto Alegre**. Porto Alegre, 2018. Disponível em:

<<https://www.fronteiras.com/resumos/entrevista-especial-poa>>. Acesso em: 12 abr. 2019.